

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: 34
 Data: 28/05/87 Pg.: _____

**IML de Cuiabá conclui
 190
 que jesuíta foi morto**

CUIABÁ — O missionário jesuíta Vicente Cannas, espanhol naturalizado brasileiro, cujo corpo foi encontrado há cerca de duas semanas no acampamento que mantinha às margens do Rio Jurueña, no município de Juína (noroeste do estado), a 20 minutos de barco da aldeia dos enaene-nauês, índios com os quais trabalhava há 12 anos, foi realmente assassinado: é a conclusão do laudo cada- vérico do Instituto Médico-Legal de Cuiabá, finalmente divulgado ontem pelo secretário de Segurança de Mato Grosso, Oto Sampaio.

O secretário de Segurança explicou que o corte no estômago do jesuíta, descoberto por um técnico do IML, se- gundo os exames periciais, foi provocado "por objeto pérfuro-cortante, o que com- prova a morte provocada de forma vio- lenta". O laudo não aponta, por outro lado, a existência de perfurações provo- cadas por bala nem sinais de outras formas de agressão física violenta, como espancamento ou estrangulamento.

Descobrir o autor ou autores do assassinato ainda é um desafio para a comissão de inquérito criada pelo secre- tário de Segurança, sobretudo porque o local onde o missionário Vicente Cannas foi morto é completamente isolado e tudo indica que o crime foi praticado entre os dias 6 e 7 de abril, pois seu relógio foi encontrado com o calendário marcando o dia 8.

Cumprindo determinação do próprio governador Carlos Bezerra, a quem a Igreja e o Cimi (Conselho Indigenista

Missionário) cobraram o esclarecimento da morte do missionário, o secretário de Segurança enviou antea-ntem para a área uma equipe que inclui o diretor da polícia civil, delegado João Capetinga, o diretor do Instituto de Criminalística e um pro- motor de Justiça — aos quais se juntaram representantes do Cimi — para dar início ao inquérito policial. O secretário de Segurança ainda não tem previsão de quando a comissão concluirá seus traba- lhos de investigação na área.

A morte de padre Vicente provocou muita revolta entre os enaene-nauês, que o consideravam mais um membro da tribo, mas até o momento não foi regis- trado nenhum incidente dos índios com fazendeiros ou madeireiros da região, apontados pelo Cimi como os prováveis mandantes do assassinato, por terem inte- resse nas terras dos enaene-nauês. Do- mingo último, na Igreja do Rosário, nesta capital, foi rezada missa e realizado um ato público de protesto pela morte do missionário, com a presença do Arcebis- po de Cuiabá, Dom Bonifácio Piccinini, do presidente nacional do Cimi, Dom Erwin Krautler, bispo do Xingu (PA) e representantes de diversas entidades liga- das à causa indígena.

Os enaene-nauês ainda lutam pela demarcação de suas terras, pois o proces- so demarcatório está emperrado devido a um impasse entre a Funai e a Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), que mantém uma estação ecológica na área, de 150 mil ha, parte dos quais se situa nas terras indígenas.